

Expressividade e Aproximação com o Público: as Mulheres na Bancada do JN e as Mudanças na Forma de se Apresentar as Notícias¹

Letícia Olher FERRARI²

Ariane Carla Pereira FERNANDES³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

O grande segredo desta pesquisa é buscar entender como a nossa relação, ou seja, do público com os apresentadores do *Jornal Nacional* chegou ao ponto de sentirmo-nos tão próximos a eles, como se fossemos amigos. Afinal, passamos de uma ligação solene para uma afinidade jamais pensada. Para isso, ou seja, para entender esse informalismo e expressividade que assistimos hoje em dia, utilizaremos o que chamamos de protagonismo feminino. Isto é, analisaremos cada uma das mulheres, efetivas, que passaram pela bancada do *JN*, Lilian Witte Fibe, Fátima Bernardes e Patrícia Poeta, para construir um fundamento e chegar às conclusões. Faremos isto estudando os planos e enquadramentos, as expressões faciais e os meneios de mão.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; telejornalismo; apresentação de telejornais; *Jornal Nacional*; apresentadoras mulheres do JN.

Assintindo TV e ao JN

Prega a boa educação que os mais jovens devem obedecer, respeitar e ouvir aos mais velhos, principalmente, devido a sua experiência. Em muitas famílias, assim, forma-se uma roda em volta da mesa de refeições para ouvi-los. Na minha família era assim... Inúmeras as histórias. Entre elas, as fictícias, que mexiam com o imaginário. Outras, tão reais e tão antigas que pareciam ainda mais fantasiosas. Pra uma garota que nasceu em tempos de TV com controle remoto e por assinatura de canais a cabo ou satélite, ouvir sobre as reuniões para ver televisão e sobre como eram as imagens e os aparelhos era muito curioso.

Num mundo onde temos livre e fácil acesso à informação, seja pelo monitor da TV ou do computador ou até mesmo pelas telas dos celulares, é difícil acreditar que, há alguns anos, entre 1950 e 1960, a maioria das pessoas não possuía sequer um aparelho de televisão em casa. Aliás, chega a ser engraçado imaginar que alguns esperavam ansiosos pelas reuniões nas casas dos vizinhos para poder sentar à frente de um desses eletroeletrônicos.

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016.

² Recém-graduada do curso de Jornalismo da Unicentro, email: leticiaf.errari@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Jornalismo da Unicentro, email: ariane_carla@uol.com.br

Impressionava, também, saber, pelo relato dos meus avós, que as grades dos canais não eram preenchidas. Vez ou outra apareciam alguns filmes, as novelas, aliás, existem capítulos dessa época que até hoje são lembrados pela minha família. Isso sem dizer, é claro, que a imagem e o som não eram nada parecidos com o que somos acostumados atualmente. Mas, o preto e o branco e o chuveiro não eram um problema.

Hoje, são eles quem ficam impressionados e questionando a tecnologia que vive em nossas mãos, por meio dos celulares e do notebook, por exemplo, e, também, encantados ao ver como o mundo mudou, evoluiu, pelo menos nesse sentido. Agora, assistem televisão com cor e som praticamente perfeitos. Não perdem o futebol aos domingos, os programas matinais e, claro, como forma de curiosidade, vale lembrar que ainda respondem “boa noite” quando William Bonner invade a tela.

Esse apego vem de muito antes, desde a época de Cid Moreira e Sérgio Chapelin. Aliás, tidos como ídolos por muitos. *O Jornal Nacional* sempre foi o telejornal visto como obrigatório. Os assuntos abordados pelos apresentadores seriam conversados posteriormente durante o almoço com a família ou ao encontrar os vizinhos... Isso porque muitas dessas pessoas só acreditavam (e comentavam no dia seguinte) naquilo que lhes era dito depois que assistiam os jornalistas ou locutores da época afirmando, através da narrativa e de imagens, o verdadeiro acontecimento de um ou mais fatos.

Entretanto, isso também mudou. Essa nossa geração, acostumada a ter a informação sem dificuldades, até mesmo na palma da mão, não assiste mais ao telejornal como antigamente. Acreditamos desacreditando. Enquanto assistimos as notícias na TV, conferimos seu conteúdo pela segunda tela. Usamos celulares, tablets e notebooks com acesso à internet, conferimos em outras fontes, sempre no plural.

Agora, olhando de fora, sem me encaixar nessa geração que foi dita acima, é bom ver como a TV e a forma de assisti-la, sobretudo no caso do telejornalismo, mudaram. Digo isso, pois, eu não respondo aos cumprimentos de William e Renata, atual casal da bancada, como meus avós faziam, por exemplo. E nem dou a devida importância aos telejornais como era feito naquela época. Mas, apesar disso, sinto-me cada vez mais próxima daqueles que, praticamente todos os dias, entram na minha vida através de um televisor.

Ou seja, antigamente, ao aparecerem na tela os apresentadores da época, como Cid e Sérgio, as pessoas os tratavam um estupendo visitante. Era uma relação solene, como eram as vozes e as posturas formais dos locutores-apresentadores daquele tempo. Com o passar dos anos, num processo que se acelerou e acentuou nesse século, a solenidade deu lugar à

proximidade nessa relação. Hoje, os corpos e as posturas - antes rígidos - tendem ao informalismo, unindo assim, telespectador e apresentador.

A apresentação do JN em análise

Não apenas a maneira de se assistir ao *Jornal Nacional* mudou. Os apresentadores e o modo de se apresentar o principal telejornal do Brasil também não é mais a mesma. As transformações são nítidas se comparamos edições de agora com outras das décadas iniciais – 1960, 1970, 1980 – e mesmo com o passado recente – anos 1990 e 2000. Assim, são essas mudanças que interessam a este trabalho de pesquisa. Parto, desse modo, da premissa de que muitas das mudanças nos modos de se apresentar as notícias tiveram como protagonistas as mulheres, que só chegaram à bancada do *Jornal Nacional*, de forma definitiva, ocupando como titulares uma das cadeiras por trás da bancada na segunda metade da década de 1990. A proposta deste TCC, então, é uma análise das transformações nas formas de se apresentar um noticiário televisivo a partir do que acredito⁴ ser um protagonismo feminino. Ou seja, para evidenciar os deslocamentos no modo de se narrar a notícia vamos tomar como corpus as três primeiras mulheres apresentadoras do *Jornal Nacional* – Lilian Witte Fibe, Fátima Bernardes e Patrícia Poeta.

O *Jornal Nacional* e suas apresentadoras mulheres são tomados como objeto pelo fato de que o *JN* segue, quase cinco décadas depois de sua criação, em primeiro de setembro de 1969, permanecendo uma referência para telespectadores e jornalistas de televisão. Renata Vasconcellos, por sua vez, foi excluída desses estudos por estar a frente do telejornal há poucos meses (quando do início da realização dessa pesquisa) o que não nos permite um parâmetro comparativo.

Para a construção das análises propostas, vamos tomar edições aleatórias disponibilizadas no *Youtube*, visto que a Globo excluiu os vídeos antigos do portal “Globo Play”. Pensamos, então, em um primeiro momento, analisar duas edições, uma a cada dois anos. Todavia, o material não foi encontrado na internet. Por isso, analisaremos uma edição de 1996, ano de entrada de Witte Fibe e uma do ano seguinte, 1997, para averiguarmos se há, ou não, diferenças no modo de apresentar.

Já da jornalista Fátima Bernardes utilizaremos mais edições, afinal, ela permaneceu 14 anos ao lado de William Bonner na apresentação do *JN*. A primeira é datada de 1998,

⁴ A premissa, os objetivos e as análises desse Trabalho de Conclusão de Curso são compartilhados entre mim e minha orientadora, professora Ariane Pereira, que desenvolve pesquisa nessa área para o Grupo de Pesquisa Telejor e no qual esse TCC está incluso.

quando ela entrou no Jornal *Nacional*. Ainda referente ao período em que Fátima permanece a frente do *JN* a opção inicial era tomar como corpus uma edição a cada dois anos. Entretanto, como não foram encontradas as de 2006 e 2008, optou-se por uma de 2007, disponível no canal de compartilhamento de vídeos. Assim, o corpus referente a Bernardes é composto por edições de 2000, 2002, 2004, 2007 e 2010.

Por fim, compõem também o corpus de pesquisa uma edição de 2012, já com Patrícia Poeta - que substituiu Fátima Bernardes a partir de dezembro de 2011 - como apresentadora e outra de dois anos depois, 2014, antes do anúncio da saída de Poeta, em 15 de setembro.

Para a construção das análises interessam, em especial, os ângulos e enquadramentos de câmera, as expressões faciais e o gestual.

Planos e enquadramentos: a inserção do corpo como componente da notícia

Muitos de nós não éramos nascidos quando estavam à frente do *Jornal Nacional* a dupla Cid Moreira e Sérgio Chapelin. Mas, provavelmente, uma parcela considerável de pessoas já ouviu falar deles, seja pela avó, pelos tios... Enfim, o que importa é que o telejornalismo que assistimos atualmente, em quase todos os aspectos, se difere do que aquela geração era acostumada a ver. Uma das principais transformações experimentadas, que, aliás, sofre até hoje progressivas alterações, envolve os planos e os enquadramentos das câmeras.

Isso porque, diferentemente do telejornalismo dinâmico a que estamos acostumados, a década de 1950 e a primeira metade da seguinte foram sinalizadas pelo estatismo, ou seja, as câmeras não variavam muito de posição. Sobretudo por limitações técnicas que não permitiam ampla movimentação e também por causa do cenário simples, como observa Mello Silva (2013).

Por isso, a era marcada pelos apresentadores-locutores Cid e Sérgio foi denominada, também pela autora, como “cabeças falantes”. Afinal, naquela época, eram utilizados, apenas, o primeiro plano e o *close*. Gutmann (2012) aponta que o primeiro sugere proximidade ao enquadrar o apresentador na altura do ombro. Já o outro, refere-se aos momentos em que o interlocutor é visto do pescoço para cima.

Mas, mesmo que aos poucos, as variantes dos enquadramentos foram se desenvolvendo. Na década de 1970, por exemplo, observa-se que os programas passaram a utilizar a versão mais aproximada do plano americano, que consiste, de acordo com Gutmann, filmar entre a cintura e o busto. Pereira (2015) ressalta que outra possibilidade

que passou a ser explorada foi a de deslocar o locutor do centro do vídeo para um dos cantos, de modo que a logo do telejornal também participasse da composição da cena.

Já nos anos 1980, entra em vigor a segunda interpretação do plano americano, cujo enquadramento, dessa vez mais distanciado, da cintura para cima, revela parte da bancada. Além disso, passa-se a utilizar, também, o plano geral, onde os apresentadores são enquadrados juntos, num plano aberto, permitindo, assim, a visualização do cenário.

Entretanto, os telejornais correspondentes aos anos 1990 pouco mudam no sentido de dinamismo das câmeras. É possível perceber durante esse período que o videografismo passa a fazer parte do telejornal, sobretudo nas colunas de esporte e de política. Porém, a mudança mais notável veio no século seguinte.

No dia 26 de abril de 2000, quando a Rede Globo comemorava seus 35 anos, o Jornal Nacional sofreu uma completa reformulação. O telejornal deixou o estúdio tradicional para ser apresentado de dentro da redação. A bancada dos apresentadores totalmente modificada e transformada em área de trabalho dos jornalistas, com um monitor e um computador – foi transferida para um mezzanino, construído em uma das extremidades da redação, a três metros e meio de altura do chão. Na abertura do telejornal, uma grua passou a mostrar as atividades da redação, passeando lentamente, no sentido da bancada. (...) Durante o telejornal, quando a câmera está na altura dos olhos dos apresentadores, a redação não pode ser vista. Quando a câmera sobe um pouco, é revelada, ao fundo, a redação com monitores de TV, computadores e outros profissionais envolvidos na realização do JN. (JORNAL NACIONAL, 2005, p.293)

Entretanto, atualmente, 15 anos depois, período em que a Rede Globo completou 50 anos, é que ocorreu a mudança mais significativa na perspectiva de planos e enquadramentos. O *JN* passou a dispor de telas gigantes que reproduzem imagens, como a de pessoas, nos mais diversos locais do mundo, em tamanho real e os âncoras, agora, caminham pelo estúdio, deixando, pela primeira vez, a bancada. Bonner até brincou, em uma rede social, que não pode mais apresentar o telejornal de *shorts*, visto que seu corpo inteiro aparece na tela.

Mas, é importante lembrar que, toda essa transformação esteve, lado a lado, de outra vertente muito relevante no telejornalismo – a figura do apresentador. Nesse sentido, a principal alteração que o telejornal sofreu em 46 anos de história, aconteceu em 1996, quando a dupla-ícone do jornal, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, foi afastada para a entrada de dois jornalistas – William Bonner e Lilian Witte Fibe. Morais da Silva (2013) cita Schroder (2004) para exemplificar:

Todas as pesquisas indicavam o êxito dos nossos locutores. Mas eu sentia a necessidade ao longo dos anos de ter jornalistas na bancada, para que houvesse agilidade. Na primeira conversa com Evandro, mencionei isso, e ele foi absolutamente receptivo, dizendo que, como espectador, tinha a mesma impressão. E deu sinal verde para o projeto... Vendo retrospectivamente, parece que foi uma decisão fácil de tomar. Mas não foi. Qualquer mudança no Jornal Nacional é muito complicada, porque se trata do principal telejornal da casa e do país. E um dos principais programas da TV Globo. (p. 288)

Essa é uma das razões para acreditarmos que o papel da mulher foi fundamental para a construção do telejornalismo que invade os lares atualmente. Witte Fibe foi a primeira representante feminina a ocupar, efetivamente, uma das cadeiras do *Jornal Nacional*. Desde então, a direita do vídeo sempre foi destinada a outras jornalistas que, conseqüentemente, ajudaram a evidenciar as demais mudanças.

Entretanto, ela, Witte Fibe, bem como Bonner, entrou num dos momentos mais críticos do telejornal, por isso, do ponto de vista tratado neste capítulo, poucas foram as variações. Os telejornais que evidenciam isso correspondem ao dia primeiro de novembro de 1996 e seis de junho de 1997. Em ambos, Lilian não aparece se não em primeiro plano ou nas duas variações, próxima ou distanciada, do plano americano. Além disso, em nenhuma das duas edições os componentes da cena dividiram o quadro para narrar alguma notícia. Só estiveram juntos nas passagens de bloco e nos créditos. Isto é, a maneira de conduzir o telejornal, imagetivamente falando, foi simples, sem indicar mudanças.

No primeiro telejornal analisado, por exemplo, nota-se que a jornalista apareceu no vídeo onze vezes (sem contar as passagens e a finalização do programa), sendo que em dois desses momentos ela reaparece ao terminar de narrar notas cobertas. Dessas aparições, em nove o enquadramento mostrava-lhe da cintura para cima, isso quer dizer, plano americano próximo. Nas outras duas, o plano permanecia o mesmo, mas, exibia parte da bancada, bem como as mãos de Witte Fibe. Já em 1997, das oito aparições, em quatro ela estava enquadrada por meio do primeiro plano, ou seja, do ombro para cima e, nas demais, Lilian aparecia na tela pelo plano americano próximo.

Como já foi dito, porém, a principal mudança desse período diz respeito ao fato de jornalistas assumirem o comando da bancada do jornal – e o público precisava se acostumar com a transformação e se familiarizar com os novos rostos. Fátima Bernardes, que assume dois anos depois é quem traz consigo, durante a sua trajetória de 14 anos no *Jornal Nacional*, inovações. Mas, como tudo o que já foi escrito até aqui, nada foi rápido e/ou simples.

Em 1998, Fátima Bernardes, durante o período da Copa do Mundo, permaneceu sozinha na bancada do *JN*. Isso porque, pela primeira vez, um apresentador ancorava o telejornal fora da redação. As participações de Bonner se deram, desse modo, de um pequeno estúdio montado na França, país sede do mundial daquele ano. Na edição analisada, que diz respeito ao dia 23 de junho, o assunto principal tratado foi a morte do cantor sertanejo, Leandro, que compunha, até então, dupla com o irmão, Leonardo. Nesse período, notou-se também que pouco foi mudado. Bernardes era enquadrada, somente, por meio do primeiro plano e do americano. Porém, é necessário lembrar que, assim como Lilian, Fátima era novidade da vez e tudo precisava ser feito com cautela para não assustar os telespectadores.

Na edição seguinte, de 2000, não há nenhuma mudança nesse sentido. Mas, mesmo que moderadamente, o telejornal passou a dispor de movimentos de câmera, como o *travelling*, que segundo Gutmann (2012), é quando o telespectador é conduzido pela movimentação da própria câmera e ele acontece, com maior frequência, nas aberturas e finalizações dos telejornais.

Entretanto, é em 2002 que notamos o ápice deste tópico. Dessa vez, William fica na redação e Fátima é quem viaja para o Japão e para a Coreia do Sul, países que sediaram a Copa do Mundo daquele ano. Além dessa, outra diferença é que ela, ao contrário de Bonner, não apresentou as notícias referentes ao mundial de um estúdio, mas sim, com um gramado ao fundo. Nesta edição, notamos uma jornalista descontraída, alegre... Bernardes fez a cobertura do evento com tanta destreza que até hoje é conhecida como Musa da Copa. Por isso, ou seja, depois de tantos elogios recebidos pelo trabalho realizado lá fora, muito do que aconteceu passou a ser utilizado dentro do *Jornal Nacional*. Deixamos, então, de lado a era chamada de “cabeças falantes” para começar a que Mello Silva considera “corpos expressivos”, cuja abertura do plano foi essencial.

Assim, nas outras edições analisadas, isto é, as de 2004, 2007 e 2010, foram nítidas as mudanças. Na primeira delas, por exemplo, percebe-se que o primeiro plano ficou unicamente para a escalada do *JN*. No decorrer do telejornal, das onze aparições de Fátima Bernardes, em sete o plano americano está distanciado, mostrando mais da jornalista. Nas outras quatro, o plano permanece o mesmo, mas, é aproximado. Da mesma forma ocorre em 2007, das dez vezes em que é mostrada, em quatro o plano é americano e distanciado. Outra observação que pode ser feita aqui é que o plano geral, onde ambos são visualizados, é muito mais recorrente, sobretudo nas passagens e créditos. Além disso, os jornalistas

parecem mais soltos, como se estivessem contando as notícias um para o outro. Tanto é que, na versão de 2010, eles estavam, o tempo todo, juntos no vídeo. Como essa abertura propiciava maior interação entre eles, conseqüentemente, esse fator determinava, bem como a empatia adquirida pelo casal por parte do público, que nós, telespectadores, sentíssemos que, muito mais do que um informativo diário, aquilo soava como uma conversa entre conhecidos ou, até mesmo, entre amigos.

Porém, ao totalizar 14 anos ocupando a cadeira direita, Fátima Bernardes decidiu anunciar sua saída. E no dia cinco de dezembro de 2011, ela e William Bonner receberam a jornalista Patrícia Poeta na redação para então lhe passarem o posto.

Mas, naquele momento, estava se dando a quebra do longo período em que ficou sob o comando do *JN* o casal que era conhecido por ser a personificação do jornal, num linguajar mais comum, por ter a “cara” dele. Somado a este fator, estava o clima nada agradável, devido a falta de afinidade, entre Bonner e Poeta. Por isso, pouco tempo depois, já em 2014, ela dá adeus ao telejornal. Todavia, durante o seu tempo de permanência, nota-se na edição de 2012 e do seu último ano, que o plano geral continuou sendo mantido e ambos visualizados. Somente às vezes eles apareciam em plano americano aberto ou fechado e em primeiro plano.

Devido às razões já comentadas, assume em 2014 a jornalista Renata Vasconcellos. Aliás, ela e Bonner presenciaram e deram forma à maior mudança desde 1996, imageticamente falando, do jornal, cuja performance e desenvolvimento assistimos até hoje. Eles andam pelo estúdio, conversam com repórteres e com a apresentadora da previsão do tempo por meio de telas imensas, como se estivessem frente a frente. Assim, ambos aparecem em tamanho real, num simulacro de interação pessoal, que Mello Silva designa como “corpos imersivos”.

A categoria virtual dos “corpos imersivos” exige dos apresentadores um domínio cênico muito maior do que nas anteriores. Isto porque ele terá que interagir com cenários só visíveis para o telespectador durante a transmissão ao vivo. [...] A naturalidade na interpretação de sua personagem de si mesmo, bem como a expressividade de seus gestos e a confiança ao transmitir a informação é que emprestará á arte digital o testemunho que lhe falta por sua natureza imaterial. (SILVA, 2013, p.10)

Por isso, agora, os movimentos de câmera são frequentes e os mais utilizados, tanto quando ambos dividem a cena, quanto em enquadramentos mais fechados, são o zoom in (aproximação de câmera) e zoom out (afastamento), pan (descreve a cena horizontalmente,

principalmente da esquerda para a direita) e o possibilitado pela grua (quando a câmera “voa” pelo estúdio).

Chegamos, então, ao que era, provavelmente, inimaginável quando que de Cid Moreira e Sérgio Chapelin só enxergávamos o rosto. Hoje, graças à tecnologia, nós, telespectadores, temos a possibilidade de ver o jornalista por completo, o que causa a sensação de realidade, e como efeito disso, uma aproximação jamais pensada entre comunicador e público. Entretanto, outros fatores contribuíram para tornar essa relação mais recíproca e eles serão abordados nos itens seguintes.

Não mais cabeças falantes... As sensações da notícia nas expressões faciais

Numa conversa cotidiana qualquer, sentimo-nos descontentes quando, independente do assunto, não somos olhados nos olhos. O contato visual se faz necessário para que depositemos confiança naquilo que é dito. Mais do que isso, identificamo-nos, é como se a fala e o olhar formassem um combo, que representa reciprocidade.

No telejornalismo isso também acontece. Afinal, um dos principais fatores que contribuíram para a construção da confiança e da afinidade por parte do público acerca dos apresentadores e dos telejornais, foi o olho no olho. Sobretudo quando a televisão ainda não possuía tecnologia suficiente para dar mais dinâmica aos programas – tudo não passava de ângulos e enquadramentos que não iam além dos ombros, como foi visto anteriormente.

Bara (2010), citando Hagen (2008), aponta que esse contato e, conseqüentemente, aproximação repetem naturalmente uma conversação face a face. “E em uma situação em que o rosto é principal componente, já que o corpo não aparece inteiro na tela, essa busca se concentra e intensifica”. Isso acontecia, por exemplo, na época dos apresentadores-locutores Cid Moreira e Sérgio Chapelin no *Jornal Nacional*. A importância dessa colaboração, ou seja, a de manter os olhos fixos nas câmeras, como se estivessem frente a frente com o telespectador, também é trabalhada por Gutmann, baseada em Veron.

O “O-O” estaria associado a uma intenção de referenciação, definindo-se como uma marca de identificação do discurso informativo na TV. Para o autor, é nesse jogo enunciativo regido pelo olhar que se estabelece o contato entre as partes e, por consequência, o status de confiança entre os sujeitos actantes de um determinado texto audiovisual. (GUTMANN, 2009, p.4)

Entretanto, essa artimanha utilizada pelo telejornalismo não foi importante apenas com Cid e Sérgio. Ela se desenvolve a cada novo rosto que aparece na tela. Aliás, como bem relembra Pereira (2015), esse fator também foi fundamental quando o *Jornal Nacional*,

27 anos após a inauguração, inovou ao recompor a bancada com os jornalistas William Bonner e Lilian Witte Fibe.

Apesar de já terem os semblantes conhecidos pelo público, ambos ainda eram tidos como estranhos naquele momento. Bonner nem tanto. Afinal, ele já havia passado esporadicamente pela bancada do *JN*. Já Witte Fibe havia aparecido no telejornal apenas através de suas reportagens e de seus comentários sobre economia.

Porém, o fato é que Lilian, assim como Bonner, graças ao que já havia construído na televisão, como por exemplo, em programas como o *Jornal da Globo*, *SPTV* e *Globo Rural*, já usufruía de certa credibilidade. O que eles precisavam, no momento, era adquirir a confiança do público do *Jornal Nacional* que, até então, era acostumado com a apresentação de outros profissionais.

Como o período era de adaptação, pouca coisa mudou. O olho no olho continuou como a principal arma. Além disso, os enquadramentos valorizados ainda eram o primeiro plano e o plano americano próximo. Todavia, apesar de limitadas, começaram a ser incorporadas no discurso as expressões faciais.

Na edição de 1996, é nítido que a jornalista possuía uma postura muito rígida. A cabeça era balançada de forma extremamente sutil. As sobrancelhas, de vez em quando eram erguidas, como numa notícia em que a cirurgia de retirada de uma faca da cabeça de um pedreiro foi um sucesso, mas, mesmo assim, de forma muito delicada. Já o sorriso, que demonstra empatia, apareceu somente uma vez e, ainda, na escalada. Até o “boa noite” era tênue. Ficou evidente que os recursos não verbais eram pouco valorizados e explorados.

Já no ano seguinte, em 1997, Witte Fibe parece mais solta. Nada como o que somos acostumados atualmente. Mas, as expressões são mais perceptíveis. Ela passa a utilizar, mesmo que minimamente, “caras e bocas” para ajudar a compor aquilo que é lido. O movimento de rosto, de um lado para o outro, o olhar forte e o arquear das sobrancelhas foram os mais usados. Os sorrisos também estiveram presentes – na escalada, no telejornal e, dessa vez, até na conclusão do telejornal. Aliás, nesse último momento, Lilian exibiu praticamente todos os dentes.

A contribuição de Witte Fibe, porém, foi moderada. Mudanças maiores estariam por vir com a entrada de Fátima Bernardes, que permanecendo um longo período ao lado de Bonner, teve mais chances (e tempo) de aprimorar as técnicas. Entretanto, em 1998, ano de sua entrada, ela se ateve a poucas manifestações. Mas, mesmo assim, já eram mais fortes e

evidentes. O ano 2000 seguiu nesse mesmo ritmo, porém, o progresso, até então pouco a pouco, tornou-se nítido.

O marco, entretanto, nesse sentido, assim como no capítulo anterior, foi percebido em 2002, quando Fátima deixou o estúdio para fazer a cobertura ao vivo da Copa do Mundo do Japão e da Coreia do Sul. Os assuntos abordados por ela, todos relacionados ao evento, permitiam que a jornalista fosse mais desprendida em certos aspectos, como e especialmente em relação às expressões faciais. Bernardes sorria praticamente o tempo todo, mexia o rosto, erguia e abaixava as sobrancelhas, tudo com muita naturalidade.

Nos anos seguintes, 2004, 2007 e 2010, ela, de volta à bancada, manteve o mesmo comportamento oriundo da Copa. As notícias, mais do que apenas lidas, passaram a ser “sentidas” e expressadas pela jornalista, através de movimentos faciais marcantes. Semblantes de indignação em notícias ruins e sorrisos nos momentos em que contavam bons assuntos aos telespectadores eram comuns nela. Bonner, porém, apesar de começar a seguir o mesmo rumo da parceira de bancada, devido, provavelmente, ao seu papel de editor-chefe do jornal, se manteve, ainda, na posição de sério. Devido à desenvoltura dos âncoras, foi a partir dessa década, também, que esses “adicionais” passaram a ser estudados.

[...] maneios de cabeças e franzido de sobrancelhas passaram a fazer parte do repertório expressivo intencional dos apresentadores dos telejornais. Dominar as técnicas expressivas do corpo e o espaço cênico disponível para sua atuação equivaleria a aumentar o poder de visibilidade, a aceitação por parte do público e a responsabilidade de serem agentes atrativos dos telespectadores. (SILVA, 2013, p.7)

Já em 2012, quando passa a compor a cena Patrícia Poeta, o *Jornal Nacional* apresentou um retrocesso nesse sentido. Ela, apesar de parecer tentar, não conseguiu obter junto ao público o mesmo apreço que esse sentia por Fátima e, pelo que se nota e é comentado, nem a empatia do companheiro de apresentação. Poeta se utilizou das expressões faciais, também marcantes, para colaborar com as notícias, mas, sem exuberar simpatia. Os momentos em que ela aparecia mais descontraída na bancada eram nos instantes de esporte e na conclusão da edição.

Devido à ausência de compatibilidade entre os apresentadores e também do público para com Patrícia, Bonner, nesse momento, começou a utilizar as artimanhas da ex-parceira de telejornal e tornou-se menos fechado e mais apazível. Com a entrada de Renata Vasconcellos, os ares da “era Bernardes” foram retomados. Ela mostrou-se leve e também une às notícias narradas a combinação olho no olho + rosto + sobrancelhas + sorrisos.

Um dos lados bons do telejornalismo é que, além de ser contado através de fases, pode ser narrado através de somas. Até aqui, somamos planos e enquadramentos com as expressões faciais. Porém, ainda há o que agregar. Os gestos são o próximo passo.

O corpo fala: os gestos na apresentação dos telejornais

Observando por alguns instantes momentos comuns do dia a dia, podemos perceber que são poucas as pessoas que conversam sem utilizar as mãos. É como se os gestos fossem um complemento das palavras, das histórias e porque não das notícias. Essa técnica, isto é, a de mexer as mãos, aos poucos (como tudo o que foi visto até aqui), também foi incorporada no telejornalismo.

Nas edições analisadas de Lilian Witte Fibe nota-se muita “dureza” nessa perspectiva. Mas, ainda assim, os movimentos existem. Vale lembrar que, nessa época, os enquadramentos eram mais fechados, entretanto, em algumas vezes, é perceptível a movimentação dos braços da jornalista. Quando aberto, percebemos que, em determinados momentos, ela mexe a mão, mesmo que com muita sutileza, quase que pensando para agir.

O livro *Voz e corpo na TV* aborda os principais gestos realizados com as mãos e o que eles querem dizer. Ideia de dúvida (as palmas da mão para cima), pontuação (quando um dedo indicador toca a bancada), demonstração (uma palma para cima) e, por fim, a negação (ambas as palmas viradas para baixo com os braços separados ou com uma mão passando por cima da outra). O curioso é que Lilian, já naquela época, utilizava, sobretudo, meneios que demonstravam dúvida, como é o caso da notícia da edição de 1996 em que ela fala de um pedreiro que tinha uma faca na cabeça e na edição de 1997 quando ela enuncia: “É o desejo de poder ver e, quem sabe tocar em Frei Damião”.

Desde então, essas movimentações se fizeram cada vez mais presentes nas jornalistas aqui estudadas. Silva (2013) escreve que “aos poucos, a ideia de que o corpo inteiro do comunicador fala e de que os gestos participam do processo de expressão e devem ser estudados foram incorporados”. Mas, além disso, ao citar Cotes (2003), ela relembra a importância de manter o meio termo, nem de mais, nem de menos.

As atitudes corporais inadequadas do repórter poderão estar desconexas com o conteúdo, ou seja, aleatórias, não tendo nenhuma relação com a palavra dita. Também podem estar excessivas e/ou repetitivas, cansando quem assiste. Ao contrário, os movimentos corporais também podem estar ausentes, transmitindo rigidez e falta de envolvimento com o assunto. Tanto o excesso quanto a falta de movimentos “sujam” a imagem do repórter em sua apresentação, deslocando a atenção do telespectador para longe da notícia. (COTES, 2003, p.90)

Outro ponto citado por Cotes e retomado por Mello Silva é a relação voz - corpo.

O movimento corporal adequado no telejornalismo é aquele que combina com a palavra: é sóbrio, discreto e preciso para o momento da narração. Pode ser um movimento único como um maneio de cabeça para baixo ou gesto com as mãos, mas o mais importante é que esteja associado à palavra enfatizada; voz e corpo devem falar a mesma coisa, complementando-se. (COTES, 2003, p.90)

Em 1998 não há grandes oscilações. O momento mais interessante é quando Fátima Bernardes aparece segurando um dos braços com a outra mão para contar como começou a história de Leandro e Leonardo – tema principal da edição do dia. A cena pareceu comover ainda mais quem assistia. Já nos anos 2000, com as mãos muito mais soltas que anteriormente, ela usou todos os exemplos citados pela obra acima. As gesticulações fizeram parte de praticamente todo o telejornal.

Já em 2002, Bernardes demonstrou-se à vontade com os braços e as mãos. Mexia-os sempre. Aqui é possível ressaltar que toda essa movimentação ocorreu graças ao fato dela estar em pé, ou seja, é mais fácil bracejar dessa maneira. De 2004 até o fim de sua trajetória no *Jornal Nacional*, entendeu-se que a jornalista utilizou também e muito as mãos entrelaçadas em cima da bancada. Foi difícil acompanhar alguma notícia em que Fátima não estivesse utilizando as mãos para complementar a fala, mesmo quando ela e Bonner estavam enquadrados juntos.

Patrícia Poeta também demonstrou aptidão ao mexer as mãos. Mesmo que, nas edições analisadas, referentes aos anos de 2012 e 2014 ela praticamente tenha apresentado os telejornais inteiros em plano geral, ou seja, visualizada com Bonner, ainda assim demonstrou delicadeza nos movimentos – que, aliás, estavam quase sempre presentes.

Considerações finais: do formalismo à informalidade

Quando a proposta de trabalhar com este tema foi lançada, era claro que conclusões precipitadas apenas atrapalhariam o processo de análise. Afinal, ouvi uma vez que realizar uma pesquisa sem supor qual o fim dela, seria muito mais agradável e prazeroso. É assim que me sinto agora. Estudei, recorri à artigos, livros, vídeos e só assim, isto é, entendendo como o telejornalismo se transformou até chegar ao que assisto hoje, em minha casa, é que me sinto mais realizada.

Para isso, percorri a trajetória das jornalistas que passaram pela bancada do *Jornal Nacional*. Desse modo, me deparei com Lilian Witte Fibe – a primeira mulher a assumir a

cadeira direita do vídeo. Sua importância está justamente aí. Até então, pelo *JN* só tinham sido efetivados apresentadores-locutores homens. Ela abriu o espaço para as demais mudanças que estariam por vir, que, em todas as demais vezes, sempre estariam acompanhadas por uma mulher ao lado de William Bonner. Witte Fibe não foi um marco no sentido de alteração na forma de se apresentar as notícias diante dos tópicos que analisamos, entretanto, ela é uma referência num sentido de ser uma divisora de águas. Há o *Jornal Nacional* sem Lilian, ou seja, até então, inteiramente masculino e apresentado por profissionais trazidos do rádio e há o depois, quero dizer, um telejornal não só produzido, como relatado por jornalistas: ele e ela!

Porém, é com a jornalista Fátima Bernardes que notamos a grande diferença no sentido de expressividade e aproximação com o público. Apesar da rigidez inicial, seguindo os padrões da época, ela, aos poucos, foi se soltando, tornando-se mais natural. Consequentemente, as notícias apresentadas por ela tomaram um ar diferente – mais do que apenas lidas por meio do teleprompter, passaram a ser manifestadas por meio dos gestos faciais, dos meneios de mãos sempre presentes e, é claro, com o passar dos anos, o casal da bancada ainda contou com o avanço da tecnologia e os planos e enquadramentos tornaram o telejornal ainda mais dinâmico.

Nessa perspectiva não podemos deixar de falar da Copa do Mundo de 2002, que parece ter sido o ponto-chave de toda mudança nas formas de se apresentar o telejornal. Fora do estúdio, Fátima teve mais liberdade, sorriu, movimentou-se o tempo todo e conversou, de igual para igual, com o seu telespectador. Isso, posteriormente, foi incorporado no telejornalismo produzido pelo *Jornal Nacional*. Fátima Bernardes até o fim de sua trajetória naquela bancada carregou consigo os traços daquele mundial, mais do que expressiva e próxima do público, ela também se tornou, juntamente com Bonner, graças à sua empatia, a “cara” do maior noticiário de rede do país. Como diria Bara (2010), “alguns de seus apresentadores tiveram – e têm – tamanha identificação com o telejornal, que acabam ‘confundidos’ com o próprio produto”.

Por isso, notei, também, uma ruptura nesse sentido com a entrada de Patrícia Poeta. Percebeu-se, ao longo da análise que, apesar de ela também usufruir de técnicas como expressões faciais e movimentações de mão, ela não possuía simpatia suficiente para se aproximar do público. Ou seja, não houve identificação. Esse papel ficou com William Bonner, que apesar de não ser objeto de estudo deste trabalho, tornara-se mais cortês, deixando, dessa forma, um pouco de lado o seu papel de “sério” construído até então.

Agora, no meu papel de telespectadora e, sobretudo neste caso, de pesquisadora, noto como o telejornalismo avançou no sentido dessa aproximação público-jornalista, que não só vejo por aí, como também sinto ao assistir o *Jornal Nacional*. Há toda uma história por trás, capaz de demonstrar a evolução, embora lenta e gradual, em muitos aspectos. Há anos nos deparávamos com um telejornal acanhado no sentido da tecnologia. Além disso, não sentíamos essa aproximação tão falada aqui, por falta dessa naturalidade das jornalistas frente à bancada. Atualmente, entretanto, nos deparamos com um noticiário encorpado e ágil graças ao desenvolvimento das lentes, câmeras e cenários e com jornalistas que mais do que nunca respondem, o máximo possível, sobre os textos que leem, o que os torna, assim, muito mais próximos de nós, telespectadores.

REFERÊNCIAS

BARA, Gilze. **Apresentadores de telejornais e diálogo com o público: muito além da TV.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1832-1.pdf>.

_____; COUTINHO, Iluska; VARGAS, Renata. **Apresentadores de telejornais e vínculos com o público: as primeiras impressões dos telespectadores sobre a saída de Fátima Bernardes do Jornal Nacional.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2207-1.pdf>.

COTES, Cláudia; FEIJÓ, Deborah; KYRILLOS, E Leny. **Voz e corpo na tv: a fonoaudiologia a serviço da comunicação.** 1 ed. [S.L.]: Globo, 2003. 106 p.

GUTMANN, Juliana Freire. **O que dizem os enquadramentos de câmera no telejornal de rede brasileiro.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-1606-1.pdf>.

_____, Juliana Freire. **Articulações entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional.** Disponível em: <http://intercom.org.br/premios/2009/Gutmann.pdf>.

JORNAL NACIONAL. **A notícia faz história.** 12. ed. rev. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

SILVA, Edna de Mello. **Corpos em cena: de “cabeças falantes” a “corpos imersivos” o papel dos apresentadores no telejornalismo brasileiro.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-0937-1.pdf>.

SILVA, Fabiano José Moraes da. **A construção do ethos entre os apresentadores de telejornais.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0395-1.pdf>.

_____. **O apresentador nos estudos de Jornalismo: reflexões sobre a transformação das rotinas de produção e no modo de atuar.** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2012/resumos/R7-2207-1.pdf>.